



Os Premonstratenses de Averbode e a criação de escolas de Ensino Secundário no Brasil (1889-1930)

The Premonstratensians of Averbode and the creation of Secondary Education schools in Brazil (1889-1930)

Los Premonstratenses de Averbode y la creación de escuelas de Educación Secundaria en Brasil (1889-1930)

Carlos José de Azevedo Machado
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0001-6467-3720>
<http://lattes.cnpq.br/9754255158362686>
carlos.machado@bento.ifrs.edu.br

Giana Lange do Amaral
Universidade Federal de Pelotas (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0002-1088-9283>
<http://lattes.cnpq.br/1043534119083767>
giana@ufpel.edu.br

Resumo

O artigo objetiva evidenciar, no contexto político-educacional da Primeira República no Brasil (1889-1930), a importância da Ordem dos Premonstratenses de Averbode (Bélgica), ainda pouco estudada pela História da Educação, na criação e manutenção de quatro instituições de ensino secundário, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Como referencial teórico-metodológico adotou-se a História Cultural, utilizando fontes escritas e iconográficas. Constatou-se como resultado que os Premonstratenses desenvolveram suas práticas e representações vinculadas: à política ultramontana e à reorganização interna da Igreja diante de seu processo de secularização no país; ao apoio da Igreja e de fiéis da Bélgica; à expansão do catolicismo pela via missionária e educacional. Sua atuação buscava atender à legislação do ensino secundário que era voltado à formação da elite político-econômica do país.

Palavras-chave: Educação Premonstratense; instituições educacionais católicas; instituições de ensino secundário

Abstract

The article aims to highlight, in the political and educational context of the First Republic in Brazil (1889-1930), the importance of the Order of Premonstratensians of Averbode (Belgium), which has been little studied in the History of Education, in the creation and maintenance of four secondary education institutions in the states of São Paulo, Rio de Janeiro, and Rio Grande do Sul. The theoretical and methodological framework adopted is Cultural History, utilizing written and iconographic. It was found that the Premonstratensians developed their practices and representations linked to: ultramontane politics and the internal reorganization of the Church in response to its process of secularization in the country; the support of the Church and the faithful from Belgium; and the expansion of Catholicism through missionary and educational means. Their actions complied with legislation on secondary education, which was directed at the formation of the country's political and economic elite.

Keywords: Premonstratensian Education; Catholic educational institutions; secondary education institutions.

Resumen

El artículo evidencia, en el contexto político-educativo de la Primera República en Brasil (1889-1930), la importancia de la Orden de los Premonstratenses de Averbode (Bélgica), aún poco estudiada en la Historia de la Educación, en la creación y mantenimiento de cuatro instituciones de enseñanza secundaria, en los estados de São Paulo, Río de Janeiro y Río Grande do Sul. Como referencia teórico-metodológica se adoptó la Historia Cultural, utilizando fuentes escritas e iconográficas. Se constató como resultado que los Premonstratenses desarrollaron sus prácticas y representaciones vinculadas: a la política ultramontana y a la reorganización interna de la Iglesia frente a su proceso de secularización en el país; al apoyo de la Iglesia y de fieles de Bélgica; a la expansión del catolicismo a través de la vía misionera y educativa. Su actuación cumplió con la legislación de la enseñanza secundaria orientada a la formación de la élite político-económica del país.

Palabras clave: Educación Premonstratense; instituciones educativas católicas; instituciones de enseñanza secundaria.

Recebido: 09/04/2025

Aprovado: 05/07/2025

Introdução

O texto que aqui apresentamos sobre a atuação dos Premonstratenses de Averbode (Bélgica) junto à educação no Brasil é um tema ainda pouco estudado pelos historiadores da educação¹. Nosso objetivo é destacar, no contexto Primeira República (1889-1930) a importância dessa ordem religiosa na criação e manutenção de quatro instituições educacionais de ensino secundário em cidades interioranas do Brasil. Em Pirapora, São Paulo, fundam em 1897, o Collegio São Norberto; em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, em 1901, fundam o Gymnasio Espírito Santo; em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1909, assumem o Collegio São Vicente de Paulo; em Jaú, São Paulo, assumem em 1915, o Gymnasio Jorge Tibiriçá (1915).²

Com este estudo é possível perceber a relevância do trabalho dos Premonstratenses de Averbode no campo educacional³ brasileiro, que não se limitou somente à educação no ambiente escolarizado, mas também contribuiu na expansão do catolicismo junto às comunidades em que atuavam através de suas atividades missionárias.

Os Premonstratenses pertencem a uma ordem religiosa católica de cônegos regulares⁴. Eles vivem a *Regra da Santo Agostinho*, fazem voto de pobreza, celibato consagrado e obediência à vontade de Deus.⁵ Sua denominação tem a ver com o fato de que a primeira abadia, fundada em 1120, localizava-se no vale de Prémontré, na Diocese de Soissons, na França. Os Premonstratenses são igualmente conhecidos como *Norbertinos*, pois o fundador da ordem foi São Norberto⁶ ou *Cônegos Brancos*, devido às suas vestes brancas. Dos Premonstratenses, que vieram da Bélgica para o Brasil, houve dois grupos de clérigos, oriundos de abadias distintas, de Averbode e de Park.

Em 1896 chegou o grupo dos Premonstratenses de Averbode. Sobre eles, além da tese à qual se alinha o presente estudo, não encontramos pesquisas acadêmicas a respeito das escolas que criaram e sua atuação junto ao campo educacional. No trabalho aqui realizado acessamos relatórios, jornais, relatos, fotografias, sites e livros que trazem elementos historiográficos dispersos a respeito dessa ordem religiosa no Brasil. Sua abadia na Bélgica está localizada no município de Scherpenheuvel-Zichem, na arquidiocese de Malines-Bruxelas.

Os Premonstratenses de Park chegaram ao Brasil em 1898 e atuaram no norte de Minas Gerais. São ligados à Abadia do Park, localizada em Heyerlee, ao sul de Lovaina, na Bélgica. Sobre eles há estudos acadêmicos (Silva, 2010; 2011 e Silva et al., 2014) que tratam de seu trabalho como missionários e educadores.

¹ Este artigo é resultante da tese de doutoramento intitulada “O Gymnasio Espírito Santo e a atuação da Ordem Religiosa Premonstratense em Jaguarão, RS, Brasil (1901-1914)”, defendida em 2024, pelo primeiro autor, sob orientação da segunda autora.

² Será utilizada a grafia original para os nomes das escolas.

³ *Campo* compreendido a partir de Bourdieu (2003) como diversos espaços da vida social ou das práticas sociais que têm uma certa independência em relação a outros campos sociais. Conforme Bourdieu (2003, p. 119), apresentam-se “como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes”.

⁴ Os *cônegos regulares* se reúnem em torno de um Abade, seguem a regra de uma ordem religiosa em comunhão com a Igreja de Roma, vivem em uma comunidade, em conventos, e atuam aonde a ordem determinar. Já os *cônegos seculares* não são monásticos, vivem entre a população, servem a uma diocese ou região administrativa da igreja. Como afirma Silva (2010, p. 46) “Desde a sua origem e desenvolvimento a instituição canônica foi sempre uma instituição de clérigos”, conduzindo cultos e sacramentos.

⁵ Nos dias atuais, a Ordem está em seis continentes e compreende mais de 1.600 membros, incluindo padres, irmãos, diáconos e noviços, bem como freiras e irmãs. Sobre o assunto ver Chantrain (2007)

⁶ São Norberto foi Cônego Regular em Xanten, na diocese de Colônia e se converteu em 1115. Adotou a regra de Santo Agostinho como inspiração básica da vida em comum dos religiosos. Em 1126, foi nomeado Arcebispo de Magdeburgo, na Alemanha. A nova Ordem foi aprovada neste mesmo ano pelo Papa Honório II (Silva, 2011).

É interessante ressaltar certas singularidades e distinções quanto ao trabalho desses dois grupos em relação à sua presença individual e coletiva junto às comunidades no Brasil. Os Premonstratenses de Park em Minas Gerais, conforme Silva (2014, p. 242), “atuaram intensamente na política local”, desenvolvendo seu trabalho em quase todos os ramos da vida social. Há que se levar em conta que essa não era uma prática incomum, pois as ordens religiosas fixadas no interior do país, conforme Carneiro (2018, p. 02), buscaram também “estabelecer alianças com os latifundiários de cada cidade ou região; grupos detentores do poder econômico e político locais”. Entretanto, neste quesito, os averbodienses se diferenciavam um pouco, pois buscavam mais uma articulação junto à Ordem Religiosa na Bélgica assim como o fortalecimento dos colégios junto às comunidades, exercendo, talvez, uma ação mais agregadora entre os grupos sociais nos espaços em que atuavam.

Mas havia semelhanças nas práticas pedagógicas desenvolvidas nas instituições educacionais destes grupos. Inspiradas no *Ratio Studiorum*⁷, elas envolviam a emulação (estímulo à competição entre os indivíduos e as classes de aulas) e, por vezes, os trabalhos fora do ambiente comum de sala de aula. Dentre esses, havia o teatro, os grêmios estudantis, os jornais escolares, as bandas marciais, as declamações, o futebol, as associações religiosas de alunos, entre outros. Isso tendo sempre como objetivos a busca da disciplina, do desenvolvimento da oratória e de uma educação com o viés militarizado⁸. No que tange ao ensino secundário, esses objetivos eram primorosamente planejados e executados, tendo em vista uma educação católica voltada para a formação da elite dirigente, que prezasse acima de tudo os valores cristãos católicos.

No final do século XIX, os Premonstratenses vêm para o Brasil devido às possibilidades abertas pelas políticas da recente República implantada e também motivados pelo interesse ultramontano⁹ da Igreja Católica Romana.

Em 1894, os Premonstratenses receberam do Papa Leão XIII, através da Nunciatura Apostólica de Bruxelas, o convite para fundar casas na América Latina. Silva (2011) nos apresenta a finalidade deste convite papal, através do fragmento do texto da carta do Núncio Giuseppe Francica Nava di Bontifé: “a fim de cooperar de uma maneira eficaz à renovação do espírito cristão nestas populações e à reforma da moralidade pública” (Silva, 2011, p. 9)¹⁰. Dessa forma, a cooperação para a “renovação do espírito cristão” define o espírito ultramontano que estimula os Premonstratenses a virem para o Brasil. Neste período também chegaram ao país outras congregações, como os redentoristas (1894), que juntamente com outros religiosos – lazaristas, capuchinhos, jesuítas entre outros - fortaleceram o movimento de implantação da reforma católica em andamento (Ibid. p. 11).

Durante os primeiros anos da República Brasileira, conforme Azzi (1994), as classes médias e a burguesia industrial, defensoras do pensamento liberal, tiveram certa força, porém faltava-lhes uma estrutura socioeconômica, a qual se encontrava com as oligarquias rurais, mais conservadoras. Este período vai coincidir com os governos militares, através dos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Em 1894, assume o poder o presidente Prudente de

⁷ O *Ratio Studiorum* definia critérios e organizava o conhecimento escolar. “O sistema de ensino pautado pelos princípios da disciplina, da obediência, do respeito e dos bons exemplos, tendo por base a inculcação moral e religiosa, visava à formação de alunos dóceis, obedientes, mas, ao mesmo tempo, preparados para ocuparem futuramente posições e responsabilidades de mando” (Amaral, 2023, p. 128). Para aprofundar este assunto, sugerimos Franca (1952) e Tambara (1995).

⁸ Sobre o assunto ver Amaral (2023).

⁹ Entende-se a doutrina que defende a primazia da autoridade espiritual sobre o poder político, por conseguinte, o poder absoluto do Papa, tanto no aspecto material quanto no espiritual (Azzi, 1994; Amaral, 2005). No Brasil, “em função de sua inserção política, o catolicismo transferiu ‘suas balizas dogmáticas do âmbito estritamente religioso para o conjunto da sociedade civil e da vida cotidiana’” (Coelho, 2017, p.63).

¹⁰ Na carta do Núncio Apostólico de Bruxelas, fica claro que o papa Leão XIII se dirigiu não somente aos abades Premonstratenses da Bélgica, mas a todas as ordens e congregações (Silva, 2011, p.9).

Moraes, iniciando a chamada “República das Oligarquias”. Esta mudança do poder militar para as oligarquias “significou não apenas a derrota dos setores industrializantes, como também a perda do prestígio das classes urbanas” (Azzi, 1994, p. 10).

Nesse sentido, deve ser compreendido o fato de que muitas ordens religiosas que vêm para o Brasil neste período, se estabelecem em cidades do interior do país, que se destacavam pelo seu potencial desenvolvimento econômico e localização estratégica para inserção do catolicismo. Esse foi o caso dos Premonstratenses de Averbode que buscavam vincular seu trabalho como missionários e educadores junto às elites e à população em geral.

É preciso ressaltar que a Igreja Católica no Brasil, em função das mudanças na política brasileira advindas do regime republicano, realiza reformas internas onde as ordens religiosas foram fortalecidas (Tambara, 1995), havendo a ampliação do número de dioceses no Brasil. Este processo foi denominado por Aquino (2012) de diocesanização do catolicismo. O processo de diocesanização é fruto de uma reorganização da Igreja Católica Romana em função do fim do *regalismo* - doutrina que defendia a ingerência do chefe de Estado em questões religiosas e que foi extinta no Brasil com a Constituição de 1891 – e do chamado *ultramontanismo*, doutrina que defende o poder absoluto do Papa, provocando uma romanização da Igreja Católica.

Neste contexto, estas ordens fundam colégios e propiciam a vinda de novos membros, e com o tempo passam a favorecer a sua formação no país. Este período foi marcado por uma forte tensão entre católicos e grupos anticlericais defensores do ensino laico, público e gratuito, em especial a Maçonaria (Amaral, 2023). Ressalta-se, no entanto, que

diversos institutos estabelecidos no país tinham inicialmente outras metas prioritárias, como orfanatos e asilos de velhos, bem como o atendimento de enfermos carentes. Dada a dificuldade de manutenção dessas obras, com frequência passaram também a fundar e abrir colégios para as classes medias e altas a fim de obter recursos para suas obras assistenciais. Pouco a pouco [...] estes estabelecimentos educacionais passaram a exigir também maiores investimentos em termos de recursos humanos e econômicos, seja para satisfazer as exigências do governo, seja para poder competir, em termos de igualdade, com os colégios leigos e protestantes. (Azzi, 1994, p. 13)

Como pode ser observado, a criação de escolas de ensino secundário foi uma das formas importantes para a difusão e manutenção da Igreja e das Ordens Religiosas que aqui estavam estabelecidas. E a Ordem dos Premonstratenses, em geral, acostumada com o processo pedagógico em seminários e certa experiência com escolas de ensino secundário, veio para o Brasil com uma dupla responsabilidade: cuidar de Igrejas (paróquias e seminários), mas também criar escolas para um público não seminarista e, no caso do ensino secundário, para alunos das classes sociais mais favorecidas.

No presente estudo, a orientação teórico-metodológica que utilizamos alinha-se à História Cultural (Certeau, 2000; Chartier, 2002, 2006; Burke, 2005), que fundamenta os estudos ligados à Instituições Educacionais (Magalhães, 2004; 2007), ao ensino secundário no Brasil (Amaral, 2008, 2023; Niskier, 1989; Palma Filho, 2010, Pessanha e Silva, 2021) e o uso de fotografias como fonte de pesquisas históricas (Kossoy, 1989; Vidal & Abdala, 2005).

A partir dos documentos acessados, identificamos práticas e representações (Chartier, 2002, 2006) que envolvem o trabalho dos Premonstratenses de Averbode e que sinalizam aqui, mesmo que brevemente, aspectos de sua atuação como educadores e missionários bem como da história das instituições educativas que criaram e dos locais onde eles se estabeleceram.

Nesse sentido, os questionamentos às fontes são fundamentais, uma vez que elas não se apresentam prontas e acabadas para construirmos a narrativa histórica. Em vários momentos, na busca de compreensão dos fatos, nos surgem mais perguntas do que respostas ao analisarmos nossas fontes escritas e iconográficas. E compreender, como nos diz Certeau (2000, p.65), “é analisar em termos de produções localizáveis o material que cada método instaurou inicialmente segundo seus métodos de pertinência”. Entendemos a relevância de buscar significados e significantes, já que é um campo comum para os historiadores culturais “a preocupação com o simbólico e suas interpretações” (Burke, 2005, p. 10).

A educação/instituição, conforme Magalhães (2004, p. 15), traduz toda a organização de “meios, estruturas, agentes, recursos, mas também as marcas socioculturais e civilizacionais que os estados e outras organizações mantêm em funcionamento para fins de permanência e mudança social”. O autor nos apresenta três categorias operacionais para serem aplicadas: a *materialidade* - espaços/arquitetura, regulamentos, estatutos -, a *representação* - informações oriundas dos arquivos, memórias - e a *apropriação* - sentimento de identidade ao modelo pedagógico, ao ideário da instituição (Magalhães, 2004, p. 97).

Em nosso estudo, apresentaremos a seguir, imagens de prédios das instituições de ensino secundário dos Premonstrantes de Averbode. Assim como é o caso de outras instituições públicas e privadas desta modalidade de ensino no país, são prédios que se destacam na arquitetura urbana por sua aparência e localização central¹¹. É o *simbólico* sinalizando *representações*. Ao se destinarem às camadas sociais mais favorecidas, distinguem-se por sua aparência suntuosa, funcional e moderna, atendendo aos requisitos higiênicos da época com espaços arejados e iluminados. Deve ser levado em conta também o fato de que essas escolas buscavam a equiparação ao Colégio Pedro II. E, para tanto, deviam atender à sua proposta modelar, onde a organização e apresentação dos espaços educacionais também eram avaliadas pela fiscalização do governo. Importante considerar ainda que os espaços escolares também educam e criam uma identidade de pertencimento entre alunos e professores, reforçando questões cognitivas e socioemocionais.¹² Constituem uma “materialidade” (Magalhães, 2004) que traduz práticas e representações educacionais, impondo modelos culturais (Certeau, 1998, Chartier, 2002).

Pode-se afirmar que os Premonstratenses, uma vez estabelecida a escola como espaço estratégico para imposição de modelos culturais, utilizavam estratégias, táticas de apropriação (Certeau, 1998) para garantir que o ideário católico fosse assumido pelos alunos e pela comunidade local. Dessa forma, as práticas que extrapolavam os muros das escolas, tais como apresentações teatrais, jogos de futebol, bandas marciais, jornais estudantis, participações em missas, dentre outras, vinham ao encontro destas expectativas.

Na abordagem sobre as escolas utilizou-se duas fotografias. Conforme Kossoy (1989, p. 33) “toda fotografia representa o testemunho de uma criação. Por outro lado, ela representará sempre a criação de um testemunho” (Kossoy, 1989, p. 33). Dessa forma, propõe que se considerem as diversas dimensões da fotografia, tais como memória e representação.

O uso da fotografia como fonte para a História e para a História da Educação está na habilidade de retratar o “ontem e o outro em seus contornos de verdade”(Vidal & Abdala 2005, p. 178). Assim, cotejando fontes iconográficas com impressas, buscamos, a seguir, relacionar *contornos de verdades*, trazendo aspectos da atuação dos Premonstratenses de Averbode, e da espacialidade de suas escolas, inseridos no contexto das reformas educacionais nas primeiras décadas da república brasileira.

¹¹ Sobre o assunto ver Pessanha e Silva (2021).

¹² Amaral (2023) discorre sobre este tema ao analisar práticas e representações pedagógicas de duas escolas de ensino secundário na cidade de Pelotas (RS), uma católica e outra maçônica. Elas disputavam, no campo educacional, a inculcação de modelos culturais distintos.

As reformas do ensino secundário na emergente república

A estrutura dos estabelecimentos de ensino secundário e superior no início da República "estava atrelado a uma legislação federal que impunha um modelo a ser seguido, através do sistema de 'equiparação'" (Amaral, 2005, p. 134). A estrutura modelar a ser seguida no ensino secundário era o Collegio D. Pedro II (ou Gymnasio Nacional)¹³, da então capital federal, Rio de Janeiro.

É preciso ter presente que a transição da monarquia para a república no Brasil não alterou significativamente a maneira como o Estado Brasileiro via as políticas educacionais. Alterou-se a forma de governo, mas não o ideário político para as ações de Estado que continuam em sua maioria muito similares, como uma forma de *gattopardismo*¹⁴. Neste sentido, Schueler e Magaldi (2009) nos trazem o argumento de José Veríssimo¹⁵, o qual afirmava que a educação escolar republicana, na verdade, trazia aspectos de continuidade em relação ao período da monarquia. As autoras lembram ainda que as considerações de José Veríssimo se aproximavam de um personagem de Machado de Assis, da obra *Esau e Jacó*, o Conselheiro Aires. "Assim como Veríssimo, talvez o regime político tivesse 'trocado de roupa', sem que tivesse 'mudado de pele'" (Schueler & Magaldi, 2009, p. 41).

Neste cenário, os positivistas, fortemente presentes e influentes no governo federal e no Rio Grande do Sul, não concordaram com a intervenção estatal em questões ligadas à educação pública. Eles aspiravam à supressão da educação oficial e dos títulos científicos. A forma regulada de ensino público era semelhante ao sistema anterior, em vigor desde o Ato Adicional de 1834.

Em relação à educação na Constituição Brasileira de 1891, o republicano Dunshee de Abranches, como aborda Niskier (1989), trouxe importantes considerações em torno dos artigos 33 e 34 do capítulo IV, que tratavam do ensino público. Para ele, esta Constituição descentralizou completamente a instrução primária, entregando-a aos estados e, no distrito federal, à municipalidade. Os estados, na sua maioria, encarregaram às câmaras municipais o ensino primário. A atribuição privativa do ensino superior ficou a cargo do congresso nacional, e poderia, mas não privativamente, criar instituições desse grau de instrução e também da educação secundária (Niskier, 1989, p. 193). Será na educação secundária que os Premonstratenses vão atuar, embora não exclusivamente.

Desde o início da República sucederam-se várias reformas no âmbito educacional. A primeira foi a Benjamin Constant, de 1890. Com uma estrutura enciclopédica, não contemplou interesses dos alunos, por contrariar a concepção preparatória do ensino secundário. Além do que, era inexecutável, de acordo com críticos da época e de pesquisadores da Educação como Palma Filho (2010) e Cury (2009).

Em 1901, o Código Eptácio Pessoa buscou dar exequibilidade à Reforma Benjamin Constant, mas seguia acentuando a parte literária do currículo do ensino secundário. É sob a égide deste Código que os primeiros Colégios Premonstratenses vão se constituir no Brasil. Porém, a partir da Reforma Rivadávia Correia, em 1911, de inspiração positivista, as instituições de ensino privado passaram a ter dificuldades. Foi abolida a frequência obrigatória assim como os diplomas, sendo criados exames de admissão às faculdades (uma espécie de

¹³ Com a Proclamação da República, em 1889, o nome da instituição foi alterado para Instituto Nacional de Instrução Secundária e, logo em seguida, para Gymnasio Nacional. Em 1911, reassumiu a sua primitiva designação, Collegio Pedro II.

¹⁴ *Gattopardo* (italiano) significa "leopardo". O termo *gattopardismo* é inspirado na obra "*Il gattopardo*" de Giuseppe Tomasi di Lampedusa. A relação trazida está na forma de disfarce do Leopardo, que, ao camuflar-se, não deixa de ser leopardo. Na sociedade, quando tudo parece mudar, mas alguns fenômenos permanecem os mesmos, pode-se dizer que há o fenômeno do "*gattopardismo*".

¹⁵ Intelectual ativo do final do século XIX e início do XX, escreveu "A Educação Nacional", lançada em 1892, entre outras obras. A obra citada é onde o autor demonstra a permanência de velhas batalhas, no campo das políticas públicas para a educação (Schueler & Magaldi, 2009).

vestibular), realizados nas próprias instituições de ingresso dos candidatos. Em 1915 se alterava a Reforma Rivadávia, pelo Decreto nº 11.530. Dessa forma, a equiparação ao Colégio D. Pedro II retorna, porém apenas para escolas públicas, o que continuará sendo um problema para as escolas particulares que precisavam utilizar estratégias para se manterem funcionando.

Em relação à implementação da Reforma Rivadávia Correa nas instituições educacionais Premonstratenses, é possível ler no Relatório do Cônego Adriaansem (2007)¹⁶ que o ano letivo de 1911 havia começado de forma tranquila, embora houvesse notícias da possibilidade de reformas no ensino secundário. “Quando tudo estava em plena atividade, foi decretada uma nova regulamentação para o ensino” (Chantrain, 2007, p. 59). As palavras de Adriaansem a seguir são relevantes para entendermos a perspectiva dos padres em relação à Reforma Rivadávia:

Foi abolida a equiparação dos colégios e, por isso, nenhuma prova era reconhecida, se não fosse realizada pelos professores das faculdades. Não havia mais nenhum programa oficial para o ensino médio, nos colégios. Defendia-se o princípio: ‘no Brasil, ensina quem quer, o que quer e como quer’. Assim, de repente, todos os colégios estavam diante de uma questão: se os professores das faculdades podiam, também, interrogar os candidatos sobre o que eles quisessem? Só mais tarde veio uma resolução determinando que cada faculdade fizesse um elenco de matérias, que deveriam ser conhecidas pelos alunos para a prova. Essa era a única diretriz que todos os colégios podiam seguir no ensino. Eram três orientações diferentes, e cada colégio devia escolher uma. (Chantrain, 2007, p. 59)

Segundo Chantrain (2007), as escolas de Jaguarão e Petrópolis tentaram continuar o ano letivo já iniciado, de acordo com o costume tradicional, com alguma pequena modificação. Porém, rapidamente muitos alunos matricularam-se no final do ano em faculdades, uma vez que não eram mais exigidos atestados de que cursaram o ensino secundário. Se aprovados, não interessava se haviam cursado um, dois ou três anos no secundário, ingressavam direto.

Apresentaremos a seguir dois casos ligados a esta situação, o primeiro citado por Chantrain e o segundo de Pedro Vergara¹⁷ quando esteve no Ginásio Júlio de Castilhos em Porto Alegre.

No Colégio de Petrópolis, “um estudante do terceiro ano foi reprovado em nossos exames e, portanto, deveria repetir esse terceiro ano. Mas ele se matriculou para o exame de admissão na faculdade e conseguiu alcançar notas excelentes e passou de ano” (Chantrain, 2007, p. 59).

Quando a Lei Rivadávia Correa foi promulgada em 1911, Pedro Vergara estava no 4º ano do Ginásio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Segundo ele, o gaúcho era ministro da Justiça e Educação e “era um republicano, extremado e imbuído dos ideais castilhistas,

¹⁶ Cônego Avebodiense atuou e viveu quase 50 anos no Brasil e conviveu com os primeiros padres Premonstratenses que aqui chegaram. Em 1954, de volta a Averbode (Bélgica), a pedido dos redatores da revista “Pikkelpoort” da Abadia, redigiu um relatório que foi traduzido do flamengo para o português pelo Cônego Chantrain e publicado em 2007 (Chantrain, 2007), denominado de “História dos primeiros vinte e cinco anos dos ‘Institutos Avebodienses no Brasil’ 1896-1921”. Adriaansen também foi diretor do Colégio São Vicente de Paulo, em Petrópolis, na década de 1930 e superior dos Institutos Avebodienses de 1942 a 1953.

¹⁷ Pedro Vergara morou na sua adolescência em Jaguarão, onde fez uma parte do curso elementar no Gymnasio Espírito Santo e, posteriormente, parte do secundário do Instituto Júlio de Castilhos em Porto Alegre. Diplomou-se na Faculdade de Direito de Pelotas, em 1917. Elegeu-se Deputado Federal constituinte pelo Rio Grande do Sul, de 1933 a 1937 e depois na legislatura de 1946 a 1951 (Soares & Franco, 2010, p. 160). Vergara escreveu uma obra (que envolve três volumes) onde traz um relato memorial de sua infância e juventude. O relato aqui apresentado se encontra no Volume 3.

o Dr. Rivadávia Correa, de Santana do Livramento”. Comenta, ainda, que vários ginásios foram fechados em todo o país, e dessa forma ele havia perdido sua matrícula grátis¹⁸ “e todas as turmas debandaram ou ficaram zonzas e nervosas” (Vergara, 1982, p. 130). Enfatiza que ele, Vergara, e vários colegas tinham o desejo de se tornar acadêmicos rapidamente, por isso decidiram realizar exames em uma faculdade. Vejamos o seguinte trecho extraído de suas memórias:

e onde nós víamos a vantagem da Lei Rivadávia sobre qualquer outra lei do ensino: não se precisava ficar, necessariamente, seis anos preso ao curso ginasial, se tivesse talento, força de vontade e estudasse para valer, num ano ou dois, o jovem estaria na Faculdade – fosse qual fosse, - e suprimidos os anos que o longo curso do ginásio devorava, um menino de 20 anos podia doutorar-se, - tudo dependendo do número de preparatórios que ele conseguiria tirar, perante as bancas de ensino livre. Se tirasse todos, de uma só vez, seria como se num ano tirasse seis anos de ginásio. Isso era o que nós pensávamos e esperávamos. Mas havia os professores, - e havia, dentre eles, os que não se conformavam com a revolução e a anarquia, - diziam, - em que havia de cair o país com a lei do ensino livre. Pois, assim mesmo, - eu, o Ismar, e muitos outros, decidimos: vamos estudar mais um pouquinho, e vamos tirar, em março todos os exames, e nos matricular na Faculdade, - vamos ser acadêmicos. (Vergara, 1982, p. 131)

Este trecho, retirado de sua obra “Lembranças que lembram, parte III”, nos fornece uma visão de como a Lei Rivadávia Correa era percebida pelos alunos dos ginásios. O pragmatismo predominava, especialmente entre os adolescentes ansiosos para ingressar na universidade. Portanto, diante desta situação, várias escolas particulares precisaram adotar novas *táticas* para se manterem, mas nem todas obtiveram sucesso. Verifica-se, também, que Vergara, em suas memórias, talvez por sua ligação com o ideal positivista, ou por constatar (como sói acontecer até os dias atuais) a carência de propósitos educacionais do ensino secundário, viu com bons olhos sua experiência educacional de antecipar seus estudos e ingressar direto no ensino superior.

As escolas dos Premonstratenses de Averbode: aspectos históricos

A seguir, serão pontuados aspectos históricos das quatro escolas abertas ou assumidas pelos Premonstratenses de Averbode no Brasil. Abordaremos sobre a implantação e expansão dessas instituições educacionais, observando aspectos que envolvem sua *materialidade, representação e apropriação*, conforme propõe Magalhães (2004).

Conforme já citamos, a partir de 1896, os padres da Abadia de Averbode se fizeram presentes no Brasil. Reiteramos que, sobre seus primeiros 25 anos no país, foi publicado por Chantrain (2007), o relatório do Cônego Adriaansem, que se constitui em um importante documento do qual copilamos dados apresentados a seguir.

Os dois primeiros Premonstratenses a chegarem foram Vicente Van Togel e Rafael Goris, em 1896, e foi-lhes confiado o santuário Bom Jesus de Pirapora, no interior de São Paulo, que logo depois, em 1897, foi elevado à Paróquia, sendo seu primeiro pároco o Côn. Vicente Van Tongel. Naquele momento, iniciava-se a edificação do Collegio São Norberto e da casa dos cônegos, situada num morro ao lado do Seminário.

¹⁸ Pedro Vergara havia conseguido gratuidade para frequentar esta escola, com a ajuda de Carlos Barbosa (médico e político de Jaguarão), então Presidente do Estado do Rio Grande do Sul.

Desde sua instalação, o Collegio São Norberto teve o número de alunos gradativamente ampliado, sendo que, em 1905, evolui para Seminário Menor Metropolitano de São Paulo, destinado à formação de quadros para a Igreja Católica, funcionando assim até 1949. De 1949 a 1973, torna-se um Seminário Premonstratense, destinado à formação de membros desta Ordem. Até 1973, ele sediou, também, a central da canonía dos Premonstratenses (Chantrain, 2009 e STOLS, 2014).

De acordo com Adriaansem (2007), em 1902, quando os alunos mais avançados do Gymnasio Espírito Santo, em Jaguarão, haviam passado nas provas realizadas em Porto Alegre (RS)¹⁹, “os de Pirapora nem pensaram nisso, em prestar provas em S. Paulo” (Adriaansem, 2007, p. 39). Isto devido ao fato de que muitos alunos, em Pirapora, tinham intenção de seguir na Ordem. Portanto, a instituição passa a ser um Seminário, a formar quadros para a Igreja, embora tenha ainda continuado, temporariamente, como Collegio São Norberto. O dado apontado pelo autor de que, em Pirapora, era preciso hospedar mais de 60 internos demonstra o crescimento desta instituição.

Pirapora tornou-se referência dos Premonstratenses de Averbode que vinham para o Brasil. Daí partiam para outras cidades, como foi o caso de Jaguarão (RS), Petrópolis (RJ) e, posteriormente, Jaú (SP), as quais serão abordadas mais adiante.

No ano de 1901, esta ordem chegou a Jaguarão, Rio Grande do Sul, onde fundaram o Gymnasio Espírito Santo – segunda instituição educacional dos averbodienses no Brasil - que funcionou até 1914, momento em que partiram para Jaú (São Paulo), conforme podemos verificar no extrato abaixo.

Em 1901, uma nova frente de trabalho foi aberta em Jaguarão, no estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil, fundando-se aí, o Colégio do Espírito Santo. Como o ideal missionário crescia cada vez mais na Europa, o número de vocações missionárias também aumentou, o que permitia a Averbode enviar, a cada ano, mais confrades ao Brasil. Assim, as casas cresciam e o trabalho aumentava, mas, em 1915, devido às leis maçônicas contra o ensino particular, a comunidade premonstratense de Jaguarão, vendo seu trabalho dificultado, transferiu-se para Jaú, no estado de São Paulo, a pedido do bispo de São Carlos, Dom José Marcondes Homem de Mello, continuando o ensino no Atheneu Jauense (A.S.N., s.d.)²⁰.

Há que se esclarecer que neste texto, retirado de um *site* da Ordem, é colocado como “as leis maçônicas contra o ensino particular” o fato de vigorar as mudanças advindas Reforma Rivadavia Corrêa, de 1911. É dito, erroneamente, que o encerramento das atividades da escola de Jaguarão ocorreu em 1915. Na realidade foi em 1914, que se transferiram para Jaú, a convite do bispo de São Carlos.

Ao analisar as fontes a que tivemos acesso, constata-se que em Jaguarão, os Premonstratenses inicialmente abordavam o conflito com a Maçonaria com cautela. Isso pode ser evidenciado pelas manifestações em artigos de jornais e cartas que comentam a situação no local. As obras “Três Anos no Brasil”, de Schoenaers (2003), e “História dos Premonstratenses: Averbodienses e Jauenses, atuando no Brasil”, de Chantrain (2007), são fundamentais para compreender a atuação desses padres nas cidades que se estabeleceram. Particularmente em

¹⁹ O Colégio de Jaguarão, bem como o de Pirapora, naquele momento não estavam equiparados ao D. Pedro II, por isso, ao finalizarem o curso secundário, realizavam provas nas capitais do estado para ingressarem no ensino superior.

²⁰ <https://abadiadesaonorberto.com.br/historia/>. Acessado em: 06 fev. 2025.

Jaguarão, encontramos informações esparsas em registros locais (jornais, atas dos Conselhos Municipais, relatórios intencionais, além de algumas fotografias).

No conteúdo das cartas de Schoenaers, encontramos diversas expressões que nos fazem acreditar, com base nelas e levando em conta seus propósitos, que houve um envolvimento positivo e ativo dos padres na cidade de Jaguarão. Mesmo diante das adversidades, o Padre Schoenaers expressa otimismo em relação ao futuro do Gymnasio em uma carta datada de 1903. Na análise de documentos posteriores, entre eles, 10 edições de um periódico estudantil do ano de 1908, pode-se confirmar as expectativas de Schoenaers. Expectativas essas que mudam drasticamente a partir do ano de 1911, com a nova conjuntura da legislação educacional brasileira.

Nesta cidade, a Ordem dos Premonstratenses comprou, em 1903, um casarão (hoje Casa de Cultura). No mesmo terreno, construíram outro edifício com três andares, inaugurado em 1910. Este foi o primeiro edifício construído para funcionar uma escola moderna (para a época) na cidade de Jaguarão.

Figura 1 - Fachada do Gymnasio Espírito Santo



Fonte: Imagem avulsa. Acervo dos autores.

Esse edifício que passa a ser o prédio principal do Gymnasio Espírito Santo, marca a arquitetura urbana de Jaguarão, fazendo parte do chamado “ecletismo historicista” (Oliveira E Seibt, 2005). Foi tombado pelo IPHAN, em 2011, junto com o centro histórico da cidade. A fotografia apresentada é referente à década de 1930, quando o prédio já era propriedade do estado do Rio Grande do Sul e funcionava ali o Collegio Elementar, que recebeu o nome “Joaquim Caetano da Silva”.

O Gymnasio Espírito Santo foi uma das principais escolas dos Premonstratenses de Averbode na primeira década do século XX. Conforme Adriaansen (2007, p. 60): “era bem cotado e a equiparação tinha aumentado muito sua fama. [...] também de lugares mais distantes, os estudantes se matricularam, mesmo nas cidades onde havia um colégio”. Nos primeiros anos chegaram a matricular mais de 100 alunos, e antes da equiparação ao Collegio Nacional, seus

alunos aprovavam nos exames feitos na capital do estado. Mas com a Reforma Rivadávia, eliminando a necessidade de cursar o ginásio para fazer as provas de ingresso nas faculdades, os alunos começaram a diminuir até ficar insustentável seu funcionamento (Chantrain, 2007).

A instituição educacional conseguiu a equiparação ao Collegio Nacional em 1908, dois anos antes da construção do novo prédio. A julgar pelo número de clérigos que foram para Jaguarão, entre 1902 e 1910, 15 cônegos e 12 irmãos, pode-se afirmar que o Gymnasio era uma prioridade da Ordem Religiosa, comprovado pelo êxito que vinha tendo. Havia alunos de toda a região, incluindo o Uruguai.

Mas, ao que sinalizam as fontes, a partir de 1909 a sua importância foi sendo compartilhada com o colégio da cidade de Petrópolis e gradativamente foram dividindo seus quadros de maior relevância. Considerando-se que as *táticas* que vinham sendo utilizadas na formação dos alunos não conseguiram manter o funcionamento Gymnasio Espírito Santo, pode-se inferir que, a partir de 1911, a escola passa a ter dificuldades e a Ordem acaba fracassando na tentativa de manter sua missão pedagógica e religiosa na cidade de Jaguarão. Mas cabe o questionamento: quais outros motivos podem ter levado ao insucesso desta empreitada no sul do Brasil?

Sobre o fechamento do Espírito Santo, em 1914, além da influência da Reforma Rivadávia Correa, podemos também citar a interrupção de auxílios provenientes da Bélgica, devido ao início da Primeira Guerra Mundial (1914). E também possíveis divergências com a Maçonaria regional. Essa instituição era muito atuante na cidade e junto ao governo estadual. Com o tempo, em Jaguarão, ela influenciou negativamente no possível envio de subsídios da Intendência e do Conselho Municipal (Machado, 1923; Chantrain, 2007) para a manutenção do Gymnasio. Da mesma forma, o governo positivista gaúcho, bem como a Diocese de Pelotas, responsável pela Igreja em Jaguarão, não demonstravam apreço e interesse pelo trabalho dos Premonstratenses.²¹

Somado a estas questões apresentadas, havia o fato da distância de Jaguarão em relação à Casa Central dos Premonstratenses, em Pirapora do Bom Jesus, em São Paulo, o que resultava em dificuldades no acompanhamento do trabalho desenvolvido pelos padres.

E também outro fator importante em sua mudança, foi o convite da Diocese de São Carlos/SP para que os membros da ordem que estavam em Jaguarão assumissem o Atheneu Jauense, com a promessa de benefícios e apoio da Prefeitura de Jaú.

É interessante destacar que após o fechamento do Gymnasio, no casarão adquirido em 1903, estabeleceu-se o Fórum Estadual e, atualmente, a Casa de Cultura de Jaguarão. No outro prédio construído pelos Premonstratenses, funcionaram três escolas que existem até hoje: a Escola Estadual Joaquim Caetano da Silva (antigo Colégio Elementar); o Colégio IPA – Instituto Porto Alegre/Departamento de Jaguarão, criado em 1942, o qual, quando encampado pelo Estado, passou a denominar-se “Espírito Santo”; e, por fim, o Colégio Comercial Carlos Alberto Ribas. A existência destas escolas por si só já demonstra o grau de importância deste prédio, que se singulariza por suas características arquitetônicas que remetem a um tempo em que o espaço urbano jaguareense se destacava por sua modernidade e localização fronteiriça com o emergente e desenvolvido Estado uruguaio. Atualmente, em função da negligência do governo estadual, o prédio de três pisos se encontra em situação bastante precária, com suas estruturas abaladas, desocupado pelo Colégio Alberto Ribas que lá deveria estar. Neste momento, acontece uma intervenção tendo em vista sua estabilidade e posterior restauração.

Em relação à cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1909 os Premonstratenses assumiram o Collegio São Vicente de Paulo, até então dirigido pelos Padres Lazaristas. Foi a

²¹ Como há pouca documentação sobre estes fatos específicos, realizamos essa afirmativa baseados na leitura do Jornal Católico “A Palavra” da diocese de Pelotas, que passou a circular desde 1912, e o 1º Lustrô da Diocese de Pelotas, de 1916. Percebe-se um silenciamento sobre a atuação dos Premonstratenses no sul do Rio Grande do Sul.

terceira escola que passou a ser organizada no Brasil sob auspícios desta Ordem vinda de Averbode. Foi trazido de Jaguarão o Cônego Godofredo Evers, que possuía experiência no processo de “equiparação” ao Pedro II e, em seguida, o Cônego Thomas Schoenaers que assumiu direção do Collegio, no início de 1910. A instituição conseguiu a equiparação e, no período de 1909 a 1911, vieram mais membros da Bélgica para o Brasil para atuarem em Petrópolis, em Pirapora e em Jaguarão. Em Petrópolis, as estratégias utilizadas para manter a escola aberta permitiram a continuidade do trabalho dos Premonstratenses que dirigiram a escola até o ano de 1992 (Chantrain, 2007).

Em 1909, ao assumirem a escola, alugaram o antigo Palácio do imperador D. Pedro II que estava desocupado. Aí permaneceram até 1940, quando foi criado neste local pelo governo de Getúlio Vargas, o Museu Imperial.

Figura 02 - Pátio do Colégio São Vicente de Paulo, no Palácio Imperial. (s.d.)



Fonte: Acervo Museu Imperial/Ibram/MinC

Na imagem aparece em primeiro plano o pátio do Collegio São Vicente de Paulo onde os alunos jogam futebol e, ao fundo, pode ser visto o prédio do antigo Palácio do Imperador D. Pedro II. É preciso ressaltar a importância da representação desse prédio para o contexto urbano da cidade de Petrópolis e para o Brasil. Isso em um tempo em que a modelagem arquitetônica dos grupos escolares na emergente república remetia a palacetes, esta escola de ensino secundário ocupava um espaço da família imperial brasileira. Este fato corrobora com o que afirmamos anteriormente quanto à *materialidade* dos prédios, demonstrando a mesma estratégia de espacialidade dos demais colégios Premonstratenses, ao estabelecerem-se em espaços significativos, dentro de seus propósitos. Com sua saída deste prédio em 1940, eles construíram outro prédio imponente que seguia as orientações da educação católica. Além do prédio principal, o espaço contava com uma capela e um salão de estudos e festas. Na ocasião de sua inauguração, era ainda o diretor do colégio o cônego Guilherme Adriaansen, que se encontrava à frente do educandário há mais de vinte e cinco anos.

Ainda na fotografia apresentada, levando em conta sua dimensão como *memória* e *representação* (Kossoy, 1989), podemos observar a vestimenta com que os alunos aparecem praticando o futebol: calças, camisa, casaco e sapatos. Poderiam estar eles em um momento de recreio e suas vestes serem o próprio uniforme da escola, ou estarem realizando uma atividade esportiva curricular no horário das aulas. Como a fotografia não é datada, é possível que tenha sido tirada antes de a escola se mudar em 1940. Nestas atividades havia a supervisão dos clérigos. Não era incomum a participação dos padres nos jogos, com suas batinas brancas (Silva, 2014, Schoenaers, 2003). É interessante dizer que muitos dos religiosos averbodienses

que vieram para Brasil, tinham entre 20 e 35 anos e possuíam em sua formação o apreço por atividades físicas e esportivas, principalmente o futebol. Ressaltamos que essa era uma prática esportiva também muito incentivada por diversas ordens católicas em suas escolas, inclusive pelos Lazaristas que administravam o São Vicente de Paulo nos seus primeiros anos.

Neste contexto, como singularidade e curiosidade sobre esta prática incentivada nesta instituição educacional, transcrevemos um extrato do artigo de Fraguas (2018) no jornal Tribuna de Petrópolis, de 13/06/2018:

Como assinalou Mario Filho, o célebre jornalista esportivo que empresta o seu nome ao estádio do Maracanã, entre os alunos do Colégio São Vicente de Paulo em Petrópolis, à época uma escola só para meninos, o futebol era praticado, pelo menos, desde 1896. Naquele ano, logo após a primeira partida promovida por Charles Miller em Santos, o padre Manuel Gonzales, professor do colégio que, muito provavelmente de forma equivocada, se orgulhava de ter trazido o futebol para o Brasil, fabricou uma bola de couro cru, apelidada de “peluda”, que se tornaria célebre no colégio. Recentemente chegado da Europa, e utilizando-se de traves de bambu, foi ele quem ministrou primeiro as regras do “novo” esporte aos alunos. O futebol era coisa tão séria no São Vicente, e tão fortemente incentivado, que, segundo Mario Filho, até o Jornal do Brasil publicaria um artigo contrário à sua prática no colégio. (Fraguas, 2018)²²

O relato acima nos apresenta a importância deste esporte nesta escola, não tão diferente dos demais colégios Premonstratenses e católicos do país. O autor afirma que até meados da década de 1900, em Petrópolis, o futebol só era praticado no Collegio São Vicente de Paulo. Os primeiros clubes na cidade surgiram apenas a partir de 1905, tendência que seria confirmada pela fundação do Petropolitano Football Club, em 1911. Sua estreia foi justamente contra o São Vicente, em 16 de julho daquele ano, em um jogo realizado no campo do Palácio Imperial (Fraguas, 2018).

O Collegio possuía uma seção de humanidades e outra de ensino técnico profissionalizante, sendo ambas de excelente reputação na época. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi um verdadeiro centro de propaganda belga. Em 29 de setembro de 1920, a família real belga visitou as instalações do Collegio São Vicente de Paulo que então acolhia 230 alunos. O soberano recebeu um álbum de fotos dos três estabelecimentos da ordem no Brasil em Petrópolis, Jaú e Pirapora²³.

Esta instituição educacional funcionou até o ano 1992, sendo a escola com maior longevidade desta Ordem. Neste ano, o Colégio São Vicente de Paulo foi vendido para a Ordem dos Franciscanos, se transformando no Instituto Teológico Franciscano. Conforme Chantrain (2007, p. 131), a justificativa foi a “falta de religiosos para substituir eventualmente os atuais administradores do Colégio, já com idade avançada”. Essa justificativa também é apresentada pelo professor e pesquisador da cidade de Petrópolis, José Cusatis, em artigo no jornal Tribuna de Petrópolis, em matéria do dia 07 de agosto de 1993, um ano depois do encerramento das atividades do Colégio.

²² Este artigo foi transcrito para o *site* do Instituto Histórico de Petrópolis e pode ser acessado pelo link: <https://ihp.org.br/vicentinos- sempre-memorias-do-colegio-sao-vicente-de-paulo/>. Acessado em 10 fev. 2025.

²³ Patrimônio Belga no Brasil, acessado pelo link: <https://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator> Acessado em 06 fev. 2025.

A última das escolas assumidas pelos averbodienses na Primeira República, em 1915, foi o então Gymnasio Jorge Tibiriçá na cidade de Jaú - SP, que passou a chamar-se Atheneu Jauense, sob a responsabilidade da Ordem.

Segundo Chantrain (2007, p. 72) o primeiro diretor, empossado em 25 de fevereiro de 1915, foi o Côn. Alderico Lambrechts. Toda a equipe, que atuava no ginásio de Jaguarão/RS, se instalou na cidade de Jaú. Com o apoio da municipalidade e da Mitra Diocesana de São Carlos-SP, no final do primeiro ano letivo de 1916 houve crescimento no número de alunos, o que levou a construção de cinco novas salas de aulas. O autor afirma que foram criadas associações encarregadas de desenvolver a formação humana, intelectual e religiosa, tais como o “Grêmio Literário de Santo Agostinho, o Clube de Ginástica, Competição de clubes de futebol, Passeios instrutivos, Associações religiosas, Apresentações de teatros nas festas do colégio, Filarmônica etc” (Chantrain, 2014, p. 30).

Em 1926 o Atheneu Jauense mudou o nome para Ginásio Municipal, através de Lei municipal, provavelmente como estratégia para superar entraves da legislação federal que não possibilitava que instituições particulares de ensino conseguissem a equiparação ao Pedro II.

Em 1942, a escola recebeu o nome do fundador da Ordem, São Norberto, seguindo esta denominação até seu encerramento no ano de 1969.

Chantrain (2007) afirma que dentre os motivos deste fechamento estava a suficiência de institutos de ensino na cidade de Jaú, a intensão dos padres de se dedicarem mais diretamente ao apostolado paroquial e, também ao fato de eles não terem mais autorização para lecionar” conforme estava previsto na legislação (Chantrain, 2007, p.116-117). É necessário levar em conta que, no início da década de 1960 houve um avanço na democratização da educação, havendo uma ampliação do acesso ao ensino secundário, fazendo com que várias escolas particulares acabassem encerrando suas atividades ou fossem encampadas pelo Poder Público (Amaral, 2012, p. 113).

No entanto, a Ordem permanece na díade de Jaú até os dias atuais, pois em 1979 lá estabeleceram uma Canonía, que no ano 2000 se transformou em Abadia.

Os Premonstratenses também mantinham em suas escolas o Ensino Elementar, sobretudo em Jaguarão, Petrópolis e Jaú. Nesse sentido, havia uma preocupação com a população mais carente. Em Petrópolis, funcionava no colégio o Patronato para *meninos pobres* com aulas de alfabetização e entretenimentos de jogos infantis. À noite, havia o Curso Noturno São Norberto, direcionado aos jovens e adultos nessas condições. Em Jaguarão existia um curso noturno em parceria com a Liga Operária Jaguareense, direcionado à população trabalhadora e de baixa renda. Podemos afirmar que este trabalho vinha ao encontro também das *táticas e estratégias* (Certeau, 2000) destes padres e da Igreja, a fim de sustentar e determinar o seu poder junto à comunidade local pela via educacional. Ainda é importante trazer a encíclica *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII que, com o discurso da busca de melhores condições de vida para as classes trabalhadoras, também mirava frear o avanço das reivindicações dos movimentos operários diante da expansão das relações capitalistas de produção no mundo ocidental.

Para refletir melhor sobre a atuação dos Premonstratenses e seu projeto educativo, apresentamos um trecho do texto de Stols (2014)²⁴ em que, em um capítulo da obra “Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações” diz o seguinte:

²⁴ Trata-se do texto “Os cônegos brancos e outras ordens belgas”. O livro, publicado com o apoio do consulado da Bélgica no Brasil está disponível gratuitamente em sua versão *on line*. Eddy Stols, autor do referido capítulo, e também um dos organizadores do livro, nasceu na Bélgica, em 1938. É historiador e autor de obras sobre temas ligados à relação luso-brasileira com a Bélgica. Na década de 1960 foi professor na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (atual UNESP). É professor emérito na Universidade Católica de Lovaina e professor visitante de importantes universidades brasileiras e europeias.

Se os premonstratenses enviaram mais religiosos que os beneditinos, seus **resultados foram modestos**, devidos em primeiro lugar à instabilidade de suas fundações e às contínuas viagens pelo Brasil ou de volta à Europa. Poucos ficaram para temporadas mais longas. Em Minas, quase como padres ambulantes, andavam por muitos dias a cavalo e vários sofreram problemas de saúde, inclusive paludismo, com algumas mortes prematuras. **Misturavam o serviço paroquial com o ensino, sem ter formação ou experiência pedagógica. Seus colégios se destacavam antes em bandas musicais ou em teatro**, como o grupo São Genesco, em Montes Claros. Em suas cartas para a revista de propaganda ‘t Park’s Maandschrift, no seu uso da fotografia e nos livros dos padres Thomas Schoenaers, Drie jaar in Brazilië (Averbode, 1904), e Maurice Gaspar, Dans le sertão de Minas (Lovaina, 1910), transparecem maior convivência e curiosidade com a cultura popular que entre os beneditinos. **Schoenaers se deixou fascinar pela cultura negra em terras gaúchas**. Gaspar, um Guimarães Rosa avant la lettre, se encantou pelas andanças por serras e chapadões mineiros em caravanas com os camaradas e pela hospitalidade generosa nas fazendas. Gostavam dos encontros e das entradas com fogos de artifício, das congadas de negros e de procissões, desde que as dirigissem. (Stols, 2014, p. 166, grifos nosso)

Analisando as afirmativas de Stols (2014) e as demais fontes acessadas até o momento podemos pontuar que para além do trabalho dos Premonstratenses nas escolas que criaram, fica evidente sua contribuição no que tange à sua atuação paroquial, à aproximação com as comunidades e seus relatos de viagens pelo Brasil que eram enviados para a Bélgica. Com essas obras transformadas em livros, eles contribuíram significativamente para a compreensão da história, da cultura e da geografia das regiões que habitaram.

Neste excerto Stols (2014), o autor considera Gaspar²⁵ um vanguardista, que escreveu com fascínio textos sobre temáticas do sertão brasileiro antes de Guimarães Rosa, importante e erudito escritor brasileiro, cujos contos e romances ambientam-se quase todos nesta região.²⁶ Em suas afirmativas finais deixa transparecer as práticas deste padre, que nos levam a perceber a inserção não só dele, mas da própria instituição que ele representa, a Igreja, nestes distintos grupos sociais, étnicos e culturais que passam a ser *dirigidos por eles*, inclusive nas “congadas de negros”. Este é um “novo” Brasil que na Primeira República vai constituindo e consolidando uma cultura que efetivamente mistura tradições culturais interracializadas. É a Igreja, através da ação missionária, no caso aqui, dos Premonstratenses, que vai atuando (impondo e, às vezes, negociando sua presença) nos espaços populares onde é forjada a educação e a cultura que singulariza nosso país e as distintas regiões que o compõem. Nesse sentido, conforme Loner e Gil (2012, p. 267), “pode-se dizer que padre Thomas nos traz a visão de um outro Rio Grande do Sul, aquele das fronteiras, do cotidiano, muito mais concreto e real, cheio de pequenos detalhes importantes para os historiadores”. As autoras destacam que com seu

²⁵Maurice Gaspar, Premonstratense de Park, escreveu o livro “Dans le sertão de Minas” (Lovaina, 1910), mencionado por Stols no artigo em questão.

²⁶ Importante registrar que os Premonstratenses representam uma instituição, a Igreja, cuja perspectiva de mundo e intencionalidade de atuação em um cotidiano regional se torna explícita em seus livros, antecedendo a descrição regional espetacularmente apresentada, anos mais tarde, por Guimarães Rosa. Há que se ler com ressalvas esta comparação entre os escritos sobre o regional realizados pelos padres e por nosso grande nome da Literatura Brasileira. No entanto, ressalta-se aqui a intencionalidade dos Premonstratenses em escrever sobre distintas espacialidades brasileiras cujas características regionais pudessem despertar o interesse da ação da Igreja e desta Ordem religiosa especificamente.

fascínio pela fauna, geologia e geografia, “deixou boas descrições da região da campanha gaúcha, bem como uma visão crítica sobre os negros e as relações interracialis na região, no início do século XX” (idem, p. 254).

No que se refere à criação de escolas, o autor do excerto apresentado argumenta que os resultados foram “modestos”. É importante mencionar alguns dados que, se não contradizem, pelo menos flexibilizam a definição de “modesto”, parece que centralizada na não expansão de um maior número de escolas no Brasil, ao contrário dos Salesianos ou dos Beneditinos. O autor apresenta seu argumento levando em conta dados mais quantitativos do que aqueles que podemos considerar como qualitativos. Ele também usa um tom de crítica ao mencionar a falta de formação e experiência pedagógica dos Premonstratenses em suas instituições (ver grifos). Dá a entender que atividades, que como sabemos, faziam parte do currículo escolar desenvolvido fora das salas de aula, como as *bandas marciais* e o *teatro*, ganhavam mais destaque do que outras atividades pedagógicas que seriam, na sua opinião, mais importantes.

Os relatos sobre as experiências iniciais dos Premonstratenses de Park sugerem que combinavam atividades paroquiais com a educação. E, ao analisar as afirmativas de Stols, constata-se que ele se refere, principalmente, à região norte de Minas Gerais. Generaliza características do trabalho das duas Ordens de Premonstratenses que vieram para o Brasil que, ao nosso ver, apresentaram singularidades e, talvez, propósitos que se diferenciavam tendo em vista as características regionais dos lugares em que atuaram. Reiteramos que os Premonstratenses belgas atuaram em municípios do interior do Brasil, em regiões geográficas, políticas e econômicas distintas entre si.

Ao considerarmos a trajetória das instituições (escolas, seminários, igrejas) estabelecidas pelos Premonstratenses de Averbode, pelo menos no que diz respeito à duração de algumas delas, não se poderia afirmar que os resultados foram “modestos”. No entanto, em termos do número de instituições educacionais criadas por eles e sua tradição como educadores em comparação com outras ordens católicas, são questões que merecem ainda análises mais detalhadas. Ao estudarmos as escolas mantidas pelos Premonstratenses de Averbode, levamos mais em conta aspectos de seu sucesso ou insucesso, independentemente do número de escolas por eles criadas e mantidas.

Ressaltamos que, de acordo com os documentos examinados, mesmo com sua duração efêmera, o Ginásio Espírito Santo tornou-se uma das principais escolas secundárias do Rio Grande do Sul, conforme afirmado por Stols (2014). Além disso, o Colégio de Petrópolis no Rio de Janeiro, que permaneceu sob a direção dos Premonstratenses até 1992 (Chantrain, 2007) e o Ginásio Jorge Tibiriça, em Jaú, São Paulo, que assumiram em 1915 e mantiveram sob sua direção até 1969, demonstram que estas escolas obtiveram um êxito por um considerável período.

Na parte final do recorte do texto aqui apresentado, quando Stols cita o Cônego Schoenaers (de Averbode) e Gaspar (Park), ele se refere aos relatos por eles escritos e enviados para a Bélgica sobre atividades missionárias, paroquiais e educacionais dos Premonstratenses de Averbode e de Park. Neles, destacavam, com indisfarçável encantamento, em sua *escrita literária*, as potencialidades culturais e geográficas das localidades onde se encontravam, não priorizando as atividades em suas instituições educacionais. Mas cabe aqui também um questionamento: sua atuação missionária e como párocos também não estava imbuída de um processo educacional de uma dada percepção de mundo? Há que se ter presente a ideia de que a educação não se dá somente em ambientes em que se desenvolve o processo de escolarização.

De fato, no caso das cartas de Schoenaers, elas em sua maioria, não apresentam detalhes das aulas no Ginásio. Há, sim, muitas descrições de lugares, situações peculiares que sinalizam para as potencialidades do trabalho a ser desenvolvido na fronteira cidade de Jaguarão. É possível verificar descrições elogiosas ao trabalho pedagógico dos padres e de eventos realizados pela escola, muitos fora do espaço escolar, sendo registrados também por

fotografias que ele produzia. Como já foi apontado, esse padre foi transferido para Petrópolis em 1909 para assumir a direção daquela escola, justamente pela experiência pedagógica e administrativa que vinha desempenhando em Jaguarão.

A seguir, examinaremos outra observação de Stols, referente aos religiosos de Averbode, que nos auxilia a identificar erros e equívocos nas datas apresentadas e na sua percepção sobre a atuação desses padres

Entrementes, vieram mais religiosos de Averbode, o suficiente para encarregarem-se em 1901 do Colégio do Espírito Santo em Jaguarão, no Rio Grande do Sul, bem perto do Uruguai. **Este teve algum êxito e, depois da compra de um edifício maior, em 1903, teve mais de cem alunos, mas, por falta de equiparação com o ensino estadual, fechou em 1912. Foram então abrir outro colégio em Jaú, estado de São Paulo, mas por falta de êxito fechou em 1968.** Antes, em 1909, assumiram a pedido do Núncio a direção de um colégio em Petrópolis, para o qual alugaram o Palácio Imperial, vazio na época. (Stols, 2014, p. 164-165, grifos nossos)

Na realidade, como já afirmamos, o Gymnasio Espírito Santo foi equiparado ao Gymnasio Nacional (Collegio Pedro II) em 1908. No entanto, Stols provavelmente está se referindo ao término dessa equiparação, após a Reforma Rivadávia, portanto, "nacional" ao invés de "estadual". Reforçamos que a Lei Rivadávia Correa, de 1911, causou de fato um problema relacionado à equiparação, contudo, nenhuma menção a ela é feita neste trecho do texto. Existe também um erro na data de encerramento das atividades do Gymnasio Espírito Santo, que na realidade ocorreu em 1914.

O Gymnasio de Jaguarão foi a única instituição de ensino dos Premonstratenses de Averbode que teve suas portas fechadas durante a Primeira República. E, curiosamente, foi ela que, na crítica de Stols, é mencionada como tendo “algum êxito”. O que estaria em parte correto se considerarmos apenas os 10 primeiros anos. De resto, a crítica deveria apontar para um fracasso dos Premonstratenses em não conseguirem manter o Gymnasio Espírito Santo, caso que não ocorreu em Petrópolis. Em Jaú, eles não abrem uma nova escola, mas assumem o então Collegio Jorge Tibiriçá. E, considerando que o mesmo permaneceu sob sua gestão até 1969, durante um período que se pode considerar extenso, seria um tanto inadequado afirmar que não obtiveram sucesso nessas empreitadas.

No entanto, como há necessidade de mais estudos sobre o trabalho dos Premonstratenses no Brasil, talvez haja questões ainda não esclarecidas que levem o autor a fazer essas afirmativas²⁷. É preciso também, levar em conta que Stols, como historiador, tem o seu *lugar de fala e domínio* para realizar a investigação (Certeau); está imbuído de comprometimento com o que apresenta sobre o passado ao ligar, como afirma Certeau (2000, p.65) as “*ideias*” aos *lugares*. Deve-se ter presente seu profundo conhecimento sobre as relações luso-belga-brasileira, sendo um intelectual belga que escreveu livros e vivenciou experiências educacionais nestes espaços.

Em tempos mais atuais, com a criação da Abadia de São Norberto, em Jau, no ano 2000, os Premonstratenses no Brasil, não estão mais sob a obediência da Abadia de Averbode na Bélgica. Motivados pela conjuntura atual e por orientação da própria Igreja Católica, eles

²⁷ A fim de buscarmos uma pequena comparação, citamos os padres Salesianos que se instalaram no Brasil desde 1883 em Niterói-RJ (Azzi, 1995), e que tinham uma vasta experiência na Europa com a juventude e com a preparação para o trabalho. Dessa forma, se tornavam muito atraentes aos brasileiros do período. De fato, se observarmos a obra religiosa, educacional e econômica destes padres, vamos perceber que foram bem além de apenas abrir escolas. Para aprofundar, sugerimos a leitura de Azzi (1994 e 1995) e Gonçalves Neto (2013).

priorizam o auxílio pastoral e os serviços apostólicos na formação de padres em detrimento da organização e manutenção de escolas. Porém, individualmente, continuam a atuar como professores, administradores, conselheiros, capelães (A.S.N., s.d.).

Considerações finais

Finalizamos este texto retomando o que é apresentado em sua primeira frase: “a atuação dos Premonstratenses de Averbode (Bélgica) junto à educação no Brasil é um tema ainda pouco estudado pelos historiadores da educação”. Mas, nesse sentido, acrescentamos que devemos ir além! A atuação dos Premonstratenses no campo educacional como ordem religiosa organizada em distintas abadias em todos os continentes, merecem mais estudos acadêmicos. A carência de investigações sobre sua atuação junto à educação não se dá somente no espaço luso-brasileiro. Há poucos estudos realizados fora deste contexto.

Este fato talvez se dê em função de que eles não sejam considerados “educadores por excelência”, mantenedores de escolas com ensino padrão e regular, voltado à formação educacional da população em geral, como é o caso dos Jesuítas ou Lassalistas. São mais conhecidos por sua atuação em Seminários que visam a formação de quadros para a Ordem Premonstratense e para a própria Igreja. Os Premonstratenses de Averbode vieram para o Brasil para atuarem no Collegio São Norberto que logo se tornou o Seminário Menor Metropolitano de São Paulo. Esses padres, na Europa, estavam mais acostumados com o processo pedagógico em Seminários, embora também tivessem certa experiência com escolas convencionais de ensino regular. Mas aqui eles agregam uma dupla responsabilidade: cuidar de Igrejas (paróquias e Seminários) e também criar escolas para um público não seminarista.

Também há que se levar em conta, no caso do Brasil, a pequena quantidade de escolas que eles criaram em relação a outras ordens católicas, no período estudado. Mas reiteramos a importância destas escolas em nível regional e nacional. Suas práticas institucionais e a representação de sua materialidade em espaços que marcam o patrimônio histórico-cultural e a estética urbana de onde se localizam, e possibilitam constatar a funcionalidade e suntuosidade de seus prédios até os dias atuais.

No Brasil, o contexto em que os Premonstratenses criaram as quatro escolas aqui apresentadas, corresponde a uma conjuntura internacional e nacional em que as expectativas do ultramontanismo católico e as diretrizes para a educação nacional estavam em disputa: o ensino laico e católico. As escolas de ensino secundário dos Premonstratenses, como verificamos, tiveram êxito no que se refere à procura pela comunidade a que destinavam, a elite social.

Este é um tempo em que Igreja Católica brasileira se liberta do jugo do Estado monárquico. E por conta disso, vai realizar reformas internas que visam o fortalecimento das ordens religiosas e a criação de escolas. Naquele período, existiu uma polarização em que católicos e não católicos disputarão, pela via educacional, a inculcação de suas práticas e representações, de suas ideologias.

A Igreja Católica ao perceber a potencialidade da educação escolarizada na expansão do ideário católico, na busca de mais fiéis, parte para a constituição de escolas, que “disputariam” os jovens que poderiam estar à mercê de outras escolas não religiosas ou de outras vertentes do cristianismo. Eles vão se dedicar com especial apreço à criação de escolas de nível secundário que eram destinadas às classes mais favorecidas, pois esta era também uma maneira de se manterem economicamente e de formarem as futuras gerações de lideranças político-econômicas.

Com este intuito, ao criarem suas escolas, buscaram adaptar-se à legislação brasileira, na qual o principal objetivo da escola secundária era possibilitar aos estudantes, ligados a uma elite financeira, chegar a uma faculdade. Uma exceção foi o período em que vigorou a Reforma

Rivadavia Correa, de 1911 a 1915, que liberou o acesso de alunos ao ensino superior sem que tivessem realizado o secundário.

É importante dizer que assim como história dos Premonstratenses de Averbode merece atenção dos historiadores da educação, as escolas por eles criadas devem ser estudadas em suas singularidades, a partir de aspectos de suas culturas escolares que trarão elementos que identificam sua importância em contextos regionais e nacional.

Referências

Abadia de São Norberto – A.S.N. *Nossa História*. Disponível em: www.abadiadesaonorberto.com.br/historia. Acessado em 06 fev. 2025.

ANDRIAANSEN, Guilherme. História dos primeiros vinte e cinco anos dos institutos averbodienses no Brasil. In: CHANTRAIN, Godofredo. *História dos Premonstratenses: averbodienses e jauenses, atuando no Brasil, 1896-2006*. Pirapora, 2007. Cap. 1, p. 6-69.

AMARAL, Giana Lange do. *O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas*. 2 ed. Pelotas: Seiva, 2005.

AMARAL, Giana Lange do. O ensino secundário laico e católico no Rio Grande do Sul, nas primeiras décadas do século XX: apontamentos sobre os Ginásios Pelotense e Gonzaga. *Revista História da Educação*, v. 12, n. 26, p. 119-139, 2008.

AMARAL, Giana Lange do. Políticas Educacionais no contexto histórico brasileiro. In: SANTOS, Rita de Cássia Grecco dos (Org.). *Tecnologia, cultura e formação na Educação a Distância: o potencial reflexivo da/na formação de professores*. Rio Grande/RS: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, v. 7, cap. 7, p. 105-123, 2012.

AMARAL, Giana Lange do. *Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica da educação católica na cidade de Pelotas, RS (décadas de 1930 a 1960)*. Caxias do Sul: Edus, 2023.

A PALAVRA – *Jornal da Diocese de Pelotas*. 1912 a 1914.

AZZI, Riolando. *O Estado Leigo e o Projeto Ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994.

AZZI, Riolando. Implantação e desenvolvimento inicial da Obra Salesiana no Brasil (1883-1908). In: MOTTO, F. *Insediamenti e iniziative salesiane dopo Don Bosco: saggi di storiografia*. Roma: LAS, 1995, p. 505-521.

AQUINO, Maurício de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). *Revista Brasileira de História*, v. 32, p. 143-170, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000100007>

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Lisboa, Portugal: Fim de Século, 2003.

BURKE, Peter. (Org.). *O que é História Cultural?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2005.

CARNEIRO, Elizabete Barbosa. Educação: memórias e histórias das ex-internas do Colégio Imaculada Conceição de Montes Claros no século XX. In: *ANAIIS... XXI Encontro Regional de História da ANPUH-MG*. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.5081927098>

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHANTRAIN, Godofredo. *História dos Premonstratenses: Averbodienses e Jauenses, atuando no Brasil, 1896-2006*. Pirapora, 2007.

CHANTRAIN, Godofredo. *Senhor Bom Jesus de Pirapora*. 2 ed. Pirapora, 2009.

CHANTRAIN, Godofredo. Centenário da atuação dos Premonstratenses na cidade de Jaú, SP (Brasil). *Aliança Premonstratense*, n. 24, p. 29-40, 2014.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manoela Galhardo. 2 ed. Miraflores. Portugal: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. A “Nova” História Cultural existe? In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs.). *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 1, 2006.

COELHO, Claudio Marcio. Jansenismo, maçonaria e reação católica: Alfredo Freyre e a disputa pela educação em Pernambuco (1910-1920). *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Niterói, UFF, v. 9, n. 1, p. 58-75, 2017. DOI: <https://doi.org/10.15175/1984-2503-20179104>

CURY, Carlos Roberto Jamil. A desoficialização do ensino no Brasil: a Reforma Rivadávia. *Educação & Sociedade*, Campinas, v.30, n.108, p.717-738, out. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000300005>

CUSATIS, José de. O centenário e o fim de um colégio – IV. *Jornal Tribuna de Petrópolis/RJ*, 07 ago. 1993.

FRAGUAS, Alessandra Bettencourt Figueiredo. *Jornal Tribuna de Petrópolis/RJ*, 13 jun. 2018.

FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico dos Jesuítas: o Ratio Studiorum*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1952.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Igreja, política e educação no Brasil republicano: a criação do colégio D. Bosco, de Cachoeira do Campo, Minas Gerais (1893-1897). *Acta Scientiarum. Education*, v.35, n.1, p.49-55, Jan.-jun., 2013. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v35i1.17150>

KOSSOY, Boris. *Fotografia & história*. Editora Ática, 1989.

Loner, Beatriz Ana; Gill, Lorena Almeida. Rio Grande do Sul no nascer do século XX: Jaguarão e a fronteira brasileira pelos olhos de um padre belga. *Estudos Ibero-americanos*, PUCRS, 38, 253-268, 2012. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-864X.2012.s.12471>

MACHADO, Paulo. Instrução Pública. *Almanaque do bicentenário da independência da pátria em Jaguarão*, Jaguarão, 1923.

MACHADO, Carlos José de Azevedo. *O Gymnasio Espírito Santo e a atuação da Ordem Religiosa Premonstratense em Jaguarão, RS, Brasil (1901-1914)*. Tese (Faculdade de Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2024.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. A Instituição Escolar como Objecto Historiográfico. Considerações a propósito do Colégio Campos Monteiro, em Moncorvo. *Revista Campos Monteiro*, p. 9-12, 2007.

NISKIER, Arnaldo. *Educação brasileira: 500 anos de história, 1500-2000*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

O GYMNASIAL. *Jornal da Sociedade União Gymnasial do Collégio Espírito Santo*, 1908, 10 edições.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SEIBT, Maurício Borges. *Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão. Pelotas/RS*: Universitária UFPEL, 2005.

PALMA FILHO, João Cardoso. A República e a educação no Brasil: Primeira República (1889-1930). *Caderno de formação: formação de professores educação, cultura e desenvolvimento*, São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, p. 71-84, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *História e Linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, v. 1, 2006.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. (Orgs.). *Implantação e expansão regional do ensino secundário brasileiro*. vol.1. 01 ed. Campo Grande: Editora Oeste, 2021.

PRIMEIRO LUSTRO DA DIOCESE DE PELOTAS (RS): 1911-1916

SCHOENAERS, Thomas Aquinas. SOARES, Eduardo Alvares de Souza (Org.). *Três Anos no Brasil*. Tradução Cornelis Christiaan Van Ommeren. Porto Alegre: EDUCAT, 2003.

SILVA, Francino Oliveira. A casa de Missão na reestruturação do catolicismo no Brasil. Uma abordagem. *Caminhos Da História*, v. 15, n. 2, p. 41-60, 2010.

SILVA, Francino Oliveira. A importância das Casas de Missão na reestruturação do catolicismo brasileiro. In: *Simpósio Nacional de História*, n. XXVI. 2011. Anais...São Paulo: ANPUH, 2011.

SILVA, Francino Oliveira; SILVA, Luciano Pereira; CALEIRO, Regina Célia Lima. Fé, teatro e bola no pé: o cotidiano dos Premonstratenses no Norte de Minas Gerais. *Religare*, v. 11, n. 2, p. 240-268, setembro 2014.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. *Tempo*, v.13, p. 32-55, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042009000100003>

Patrimônio Belga no Brasil. *Belgas no Brasil*. Disponível em: <https://www.belgianclub.com.br/pt-br/creator> Acessado em 06 fev. 2025.

SOARES, Eduardo Alvares de Souza; FRANCO, Sérgio da Costa. (Orgs.). *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

STOLS, Eddy. Os Cônegos brancos e outras ordens belgas. In: STOLS, Eddy.; MASCARO, Luciana Pelaes.; BUENO, Clodoaldo. (Orgs.). *Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações*. 1 ed. São Paulo: Narrativa Um, 2014, p. 164-167.

TAMBARA, Elomar. *Positivismo e Educação: educação no Rio Grande do Sul sob o Castilhismo*. Pelotas, RS: Editora da UFPEL, 1995

VERGARA, Pedro. *Lembranças que lembram (Parte III)*: Luz na cidade às escuras. Porto Alegre: IEL, v. 3, 1982.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA. Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. *Educação*: Santa Maria, v. 10, n. 02, p.177-194, 2005.